

Foi o meu combate determinado pelo meu respeito, pelo meu culto áqueles principios de liberdade que por afirmações publicas, e por actos bem publicos, desde muito novo tenho professado. Nada mais.

Que o decreto se aplique ou não, pode não ser indifferente aos interesses daqueles que lhe sofram as consequencias, aos meus interesses nenhum prejuizo causa, nenhum transtorno faz.

Esclarecendo o que o, muito bem escondido, titulo IV do Decreto de 11 de maio de 1911 traduz de ameaçador para as liberdades individuaes, cumpri o meu dever para comigo proprio, e por aquella maneira que reputei mais eficaz para a defeza dos direitos da sociedade em que hoje vivo, e em que ámanhã viverá meu Filho.

Se depois de passar pelo que passei, havendo sofrido o muito que sofri, internado num manicomio, transferido, rocambolescamente, para outro, defendendo a vida de pistola em punho, defendendo depois a liberdade a golpes de audacia, dezenas de vezes perdido, outras tantas salvo, se depois de tudo o que se passou eu não viesse a publico e me calasse, perante a minha propria consciencia seria cúmplice dos bandidos que me combateram.

O Decreto de 11 de maio acarretou-me grandes sofrimentos de ordem moral, e muitos contratempos materiaes. O mal que me tinha a fazer, já fez; nenhum mais pode fazer.

Eu cumpri a minha obrigação, os outros farão o que entenderem. Isso é com eles, com os outros, não comigo.

Nos manicomios entra-se á vez, e eu já lá estive. E cincoenta e tantos dias, não foi graça.

E assim bem clara fica a primeira razão:—Não discuto pessoas.

Resta dizer a segunda, e convêm mudar de tom, deixando as cordas tragicas.

O Leitor vae interromper objectando que eu discuti o Matos, e que embora nascido aos 7 mezes, isto é —fêto, não se pode com propriedade e a devida justeza afirmar que um fêto, isto é—o Matos, seja uma coisa, e muito menos seja um decreto.

Perfeitamente! Estou de acordo.

—Mas!... Mas, eu explico ao Leitor:—

Em verdade eu discuti o Matos, e em publico, mas em publico o Matos não me discutiu a mim, por aquele conjuncto de razões que são a distancia que me separa a mim do Matos, precisamente igual à que dista do Matos a mim.

O Leitor não entende? Vou-me explicar melhor:—

Os meus principios democraticos não descem ao absurdo. Ha democracia, e ha aristocracia.

Egualdade de direitos, igualdade de riqueza até, acho bem. Igualdade politica, igualdade economica mesmo, cabem a dentro dos meus principios democraticos.

E, talvez por necessidade de habito, porque costume harmonisar palavras com actos, farei tudo quanto em minhas forças puder para o realisar, não para mim sómente, mas para todos.

Porêm não significa abdicação dos meus principios democraticos o reconhecimento de uma aristocracia, a mental.

Não tem titulares mas tem eleitos esta aristocracia, e a eleição é feita por Deus.

E deixe lá o Leitor falar quem fala, que isto de se dizer de uma maneira geral que o homem é um animal inteligente não é verdade.

Os compendios dizem isso, mas Deus, pelo menos ha uns tempos a esta parte, não tem feito assim.

Tenho visto muito mundo, e tenho verificado que o homem é muito animal e pouco inteligente.

E os poucos homens inteligentes que tenho conhecido, os raros, são modestos, e levam a sua modestia até não procurar distinguir entre o sabão amendoa e o sabão rosa. Deixam isso aos outros.

Bem entendido que são homens, não são deuses!

E esta douda digressão veio para explicar ao Leitor as causas da minha afirmação—Não o farei.

Cabe agora completar—Não o farei porque não abduco de mim próprio.

E é esta a segunda razão.

Não desço a discutir um Luiz Cebola, um Manuel de Vasconcelos, um Antonio P. Flores, e um José Fernandes qualquer. Isso nunca farei.

Não porque eu me julgue um raro, uma pessoa por aí além. Não senhor! Mas porque eles estão muito áquem do que seria razoavel permitir a seres de apparencia humana.

Caprichos da natureza, Leitor!

Tinha que vêr se, depois do tempo que as circunstancias me forçaram a desperdiçar para me defender dessa canzoada toda que me atacou, por minha livre determinação vinha agora atirar ainda ao desbarato mais esforço.

Defendi-me deles, porque me combateram o que não significa que lhes dê a importancia que não merecem.

Defendi-me deles, pela mesma razão porque enxoto as moscas, quando me incomodam.

Tinha que vêr se eu me occupava a discutir um Manuel de Vasconcelos, um gorducho, que iniciou a sua vida de clinico arranjando um especifico para o cabelo, e é especialista de hygie-

ne, e é neurologista, e é psiquiatra, e é burocrata, e é angariador de seguros.

Coitado, é do taes que se discute a si proprio.

Olhe Leitor, se é da familia, (e não lhe digo isto por mal que ás vezes succede á gente ter pessoas destas na familia, e Deus sabe o que por cá vae!) mas se o Leitor é da familia, ou das relações, e se interessa, diga-lhe que seja menos coisas, e que se descasque um pouco.

Sim, que seja menos casca grossa, e que emagreça tambem um pouco. Assim é-lhe difficil furar, tão grosso e tão grosseiro...

Olhe, Leitor! aconselhe-lhe que tome chá, do verde. Faz bem ás duas coisas.

O outro, o Luiz Cebola, tambem é homem de grandes aptidões. E' especialista de doenças das creanças, de doenças nervosas, é psiquiatra, faz clinica geral e... Espere um pouco o Leitor, deixe-me tomar o folego.

E o Luiz Cebola tem ainda aptidões literarias. E' poeta!

— E V. embuchou primeiro antes de dizer isto? pergunta o Leitor.

— E' que eu estive no Telhal!

— E que tem?

— Tem que o Cebola, o mesmo, o poeta, o Cebolinhas como sempre lhe chamei, é o director clinico do Manicomio do Telhal. E eu, que nunca o tinha visto, vi-o e ouvi-o.

— E depois?

— E depois não fugi porque não podia, não morri porque tenho uma certa resistencia fisica, e não me suicidei porque tenho grande apêgo á vida.

Mesmo com manicomio á mistura, a vida não é as-

sim coisa que se deite fóra. E' muito engraçada a vida...

Pois estive no Telhal 14 dias, e ouvi 8 sonetos ao Cebolinhas. Oito!

— Mas...

— Não faça isso. Não vá lêr, veja o que faz! Depois queixe-se.

Eu, foi em agosto de 916, ouvi os sonetos ao proprio. Recitou-mos ele, o Cebolinhas, de pé na cela do manicomio, com gesto largo, e de fraque.

Só o fraque!... Olhe, Leitor, antes de o lêr, veja-o, e se o vir de fraque já não o lê. E salva-se!

E' como lhe digo!

Se insiste corre lhe os riscos, e maiores riscos do que supõe!

E' o que lhe digo!

— Mas...

— Sim, é claro. Cebola era o pae e, se o pae era Cebola, o filho é—Cebolinhas.

O pae, que era mestre d'obras fez uns predios de casas que ainda não cahiram, o filho fez os sonetos.

Ora eu sou justo, e faço justiça a quem a merece. E embora o tronco seja o mesmo, — o dos mui nobres Cebolas de Alcochete, primos dos Alhos, netos dos Alcaparras — a verdade é que os predios do pae Cebola ainda não cahiram, estão de pé, ainda não mataram ninguém, e os sonetos do Cebola filho, o Cebolinhas, são mortaes.

Quem os lê, ou os ouve, morre.

E precisamente porque eu fui a primeira pessoa que escapou, é que pela primeira vez sou a primeira pessoa que falo neles ao Leitor.

E estão para ahí impressos!
Nunca descerei a discutir gente desta.
Nem o Cebola, nem o Vasconcelos, nem os outros dois. Não
o fiz, e nunca o farei.

O Flores, Antonio P. Flores como ele se assina e tem na
taboleta na Avenida, é um menino sabio. Alto, esgrouviado, e sa-
bio. Especialisou-se na Alemanha não sei em quê. Nem importa
o sabe-lo. Moralmente é como os outros, mentalmente é como os
outros.

Olhe, Leitor, se tem pena dele, faça o que lhe digo—acon-
selhe-o a não lêr mais. Parece que lê muito.

Nos electricos, em casa, ao almoço, ao jantar, lê sempre.
Leitor, aconselhe-o:—

— Flores, V. tem uns vintens, não leia, viva. V. lê
sempre, os oculos com um vidro para baixo, o outro vi-
dro para cima, a gravata á banda, o ar contrafeito,
V. lê.

— Flores, V. tem mulher, V. tem filhos, não leia.

— Flores, V. tem uns vintens, cuide da mulher, cuide
dos filhos.

— Flores, V. tem uns vintens, tem umas rendas, viva
para a mulher, viva para os filhos, e não leia, coma as
rendas.

— Flores, dentro de um copo de dois decilitros, ca-
bem só dois decilitros.

— Flores, dentro de um copo de dois decilitros não
cabe uma pipa de vinho.

— Flores, V. lê sempre, V. lê muito.

Dentro de um copo de dois decilitros não cabe uma

pipa, se V. abrir a torneira, sahe o vinho, quebra-se o copo, alaga-se a adega, perde-se o vinho, e a ninguem aproveita.

— Flores, não leia, que a ninguem aproveita, e perde-se V.

— Flores, cuide da mulher, cuide dos filhos, coma as rendas.

— Flores, não leia, porque treslê.

Aconselhe-o, Leitor, aconselhe-o. Mas faça como coisa sua, não lhe fale em mim. Senão nada consegue.

—Sabe o Leitor como os magalas de artilharia embarcam as mulas?

Pois colocam a mula de frente junto ao pontão, e puxam-lhe pelo rabo. E a mula embarca. E' o processo.

Aplique-o Leitor, e aconselhe-o.

O Fernandes, o José Ferdandes de Magalhães, do Porto, tambem precisa do seu conselho prestado de igual maneira.

Tambem usa oculos. Tambem é esgrouivado. Distinguem-se por o Flores ser desageitado, e o Fernandes ser elegante.

Lá no Conde Ferreira passa revista à enfermaria com a sua bata branca muito apertada na cinta, aberta no peito para mostrar a camisa, sempre de fundo lilaz. Sobre a cabeça um bonet, destes que uzam os officiaes em bivaque, de veludo preto.

E todos estes requintes de elegancia para os malucos verem!

E mais as graças que ele diz, tambem para os malucos ouvirem e admirarem, e tão boas as graças que eu ria me sempre. Não cabe aqui dizer se me ria das graças, ou se me ria dele. Nunca a ele o disse, não o digo ao Leitor.

Não lhe quero mal, é um pobre homem.

Já lhe aconselhei até a que se abstinhesse de alienismos, a que não clinicasse, a que não medicasse. Mas não aproveitou o conselho. E é uma pena, uma vocação perdida.

Aconselhe-o, Leitor! Talvez seja mais feliz do que eu. Diga-lhe:

—Fernandes V. é um elegante, Fernandes os anos passam, o tempo corre veloz.

—Fernandes, ainda é tempo, Fernandes, entre a tempo.

—Fernandes, não clique, Fernandes, não medique.

—Fernandes, Valse!

Aconselhe-o, Leitor, peça-lhe mesmo. E' uma vocação perdida.

Mas este disperso arrazoado vem para explicar, ao Leitor, que não discuti com estes sujeitos nem os discuto, porque nada tem com o decreto de 11 de Maio, e não tem categoria mental para eu os discutir.

Mesmo o Matos, não o teria trazido a publico se a opinião, no muito louvavel intento de me liquidar porque defendia os direitos dos outros, não o houvesse levantado ás alturas da infalibilidade.

Não discuto com gente desta, nem discuto esta gente.

Não desço a vir a publico com assumptos que na sociedade constituida se derimem a dentro de órgãos para esse fim creados—os tribunais.

Na hora em que, desmerecendo o dispendio do meu esforço, generosamente dispendido, se erguia ás nuvens o nome do auctor do Decreto de 11 de Maio, e se pretendia a minha inutilisação, como já estava a obra amolgada, amolguei o auctor.

Porque, quanto ao mais, que haja uns sujeitos que mediante uns dinheiros passem atestados de loucura, não me indigna.

E' o progresso, Leitor!

Dantes assaltava-se na estrada de pistola em punho, hoje vae-se á policia e entrega-se um requerimento. E' muito menos arriscado, e muito mais civilisado.

Que haja umas machinas em que se deita um vintem, e sae um chocolate, não é razão de protestos. E' progresso. Que egualmente haja uns sujeitos a quem se atiram umas centenas de escudos, e que passam uns atestados de loucura, tambem é não razão para protestos indignados. E' progresso!

E com esta me vou, Leitor, para o terceiro comentario, concluindo que não o faço, não os discuto, porque em publico se tratam factos de interesse publico e não pessoas, e que, ainda mesmo que assim o não entendesse, nunca desceria a discutir com creaturas que não teem categoria mental para discutir comigo.

E por estas razões—não o fiz, nem o farei.

Muita santa gente, de muito santas intenções, com áquele mesmo desvelado interesse como que divulga todas as calunias que me assacam os meus adversarios, abeira-se, de onde em quando, de mim para me dar conselhos, e para me oferecer prestimos.

E' a hora de publicamente agradecer a uns, e outros. E de dizer que acho logico o procedimento dos meus adversarios. Eles hão de dizer qualquer coisa.

Um conjunto de circunstancias favoraveis permitiu-lhes que cinicamente me atirassem para dentro da cela de um manicomio, com todos os matadouros possiveis.

Fizeram publicar na «Capital» um artigo de 3 colunas, na pri-

meirá pagina, em que se afirmava que eu havia endoidecido por me dedicar ás bruxarias.

Amigos intimos querem visitar-me, procuram vêr-me. Dizem-lhes que não posso receber ninguém, que estou de todo.

Uma noite, quando eles me declaravam irremediavelmente perdido, e se dispunham a fazer-me assassinar, uma noite, de repente, abro a porta da cela, atravesso cercas, escalo muros, e num momento de decisão passo a ponte de D. Luiz, no Porto, ultimo obstaculo que o pateta do Fernandes de Magalhães me opoz, fazendo-a guarnecer por empregados do Conde Ferreira, armados de cacete.

Depois oculto-me em Leiria na quinta do meu amigo Dr. Henrique Ribeiro, Casal dos Andrinos.

Tentam tudo. Pedidos ao governador civil, pressões sobre o administrador do concelho. Policias de Lisboa, policias do Porto, batem em Leiria. Vão e voltam.

Tudo o que o dinheiro e o desespero podem fazer, tudo eles fizeram. Tudo tentaram, tudo falhou.

Eles hão de dizer alguma coisa, é natural. E' logico, entende-se!

Mas o que eu não percebo é que haja creaturas tão imbecilmente estupidas, que me julguem parvo!

E que uns idiotasinhas, aparentando muito interesse pelas coisas da minha vida, me pretendam arrastar com falas mansas a desviar a minha atividade do rumo que lhe dou, e uns Joões Ninguens me venham oferecer logares... em Africa e colocações em Macau.

Porque os outros são logicos. Ha uma folha de papel selado, e ha a minha pessoa. O papel selado, a queixa que está em juizo, é indestructivel, procuram destruir-me a mim. Defendem-se. Defendem a liberdade, e defendem a bolsa. Está certo.

INDICE

É O TRAÇADO DESTES LIVROS DE JAMES DELTAS, FOI COMPOSTO POR M. BORRALHO, SÃO AS GRAVURAS DE ALFREDO ROQUE, E COMEÇOU A IMPRIMIR-SE AOS VINTE E SEIS DIAS DO MEZ DE MAIO DO ANO DE NOSSO SENHOR DE 1919, NAS OFICINAS GRAFICAS DA EMPRESA EDITORA POPULAR, RUA DO POÇO DOS NEGROS, 79 A 83-A, NA CIDADE DE LISBOA.

